



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Sociologia

Tema: Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na cidade de Maputo.

Autora:

Maria Graciete da Conceição Tomé

Supervisor:

Dr. Baltazar Muianga

Maputo, Outubro de 2017

Monografia apresentada em cumprimento parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane, por:

Maria Graciete da Conceição Tomé

Supervisor:

Dr. Baltazar Muianga

O Júri

O Supervisor

O Presidente

O arguente

Declaração

Eu, Maria Graciete Da Conceição Tomé, declaro por minha honra que o presente trabalho de fim de curso de Licenciatura em Sociologia, nunca foi apresentado para a obtenção de qualquer outro grau académico, daí que os resultados desta pesquisa, constituem fruto da investigação pessoal, estando indicadas na bibliografia todas as fontes por mim utilizadas no decorrer do trabalho de pesquisa.

Maputo, Outubro de 2017

(Maria Graciete Da Conceição Tomé)

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

Dedicatória

À memória da minha mãe Maria Luísa Da Conceição Tomé: Mãe, seu cuidado e dedicação deram-me a esperança para conseguir este objectivo. Descanse em paz!

Aos meus Filhos: Dèrick, Yuri e Sílvia.

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

Agradecimentos

Primeiro quero agradecer a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada. Ao Dr. Baltazar Muianga, meu supervisor, agradeço pela disponibilidade e tempo que dedicou para me orientar em todos momentos do percurso até terminar esta obra

Agradeço aos docentes do Departamento de Sociologia e Antropologia e em especial a Dr. Maurício, Dr. Nipassa, Dr. Danúbio, Dr. Sequeira e Chipenembe por terem contribuído para a minha mundividência sociológica e por me terem ensinado as técnicas e métodos de pesquisa, nomeadamente, como fazer um trabalho de pesquisa.

Agradeço aos meus colegas da DRA e de escola que sempre me acolheram e sobretudo nos momentos de dificuldades ao longos dos vários anos de convivência, aprendizagem e trabalhos de grupo. Vai um especial carinho para Baltazar Mavale, Hermano Banze, Leovegilda Mulungo, Sebastião Machirica, Rosa Cumba, Mariamo Momade, Sérgio Juliano, muito obrigado.

Agradeço em especial à minha família, pela paciência e por apostar em mim, principalmente às minhas irmãs e sobrinhas por cuidar dos meus filhos nas minhas constantes ausências durante esta caminhada, muito obrigado.

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

Resumo

Neste trabalho estudamos a prática do aborto inseguro na adolescência, Cidade de Maputo. O objectivo foi de compreender o que sustenta a prática do aborto inseguro por parte das adolescentes. Ao desenvolver este estudo partimos do pressuposto de que, a prática do aborto inseguro na adolescência é produto do estigma social por parte das amigas socialmente construídas que não optam por esta via. Isso no sentido em que, as adolescentes que sujeitam-se a essa prática fazem-na por temer o estigma social por parte das outras (adolescentes que não praticam tal acto) e represálias por parte dos seus responsáveis.

O estudo baseou-se na triangulação teórica entre a perspectiva teórica de rotulagem (desviantes e marginais) defendida por Becker (2008) e a teoria do interacionismo simbólico e estigma defendida por Goffman (1988), que nos possibilitou compreender como é que o estigma influencia na prática do aborto inseguro. Realizamos um estudo com uma abordagem qualitativa, por forma a captar o entendimento que as adolescentes têm sobre esta prática. O grupo-alvo foram as adolescentes que praticaram o aborto inseguro pelo que, aplicamos a entrevista semi-estruturada a um total de dez (10) adolescentes.

A discussão de dados permitiu-nos salientar que, o estigma social conotado pelas pessoas que não engravidam na adolescência, sustenta a prática do aborto inseguro e motiva as adolescentes a optarem por esta prática. A adolescente que se submete ao aborto inseguro, não é um ser isolado do seu contexto, sobretudo das redes de relações sociais como o grupo de pares, pois, estes agentes têm uma influência relevante nas acções desenvolvidas pela adolescente no seu quotidiano. Os dados colhidos validaram esta hipótese.

Palavras-Chave: Aborto Inseguro; Adolescência, Redes de Relações Sociais e Estigma Social.

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

Abstract

In this work we conducted a study about the practice of the insecure abortion in the adolescence in Maputo City. The objective was of understanding what supports the practice of the insecure abortion by adolescents. While developing this study we proceed from the assumption that the practice of the insecure abortion in the adolescence is a product of fear of isolation from the socially constructed friendships. So, the adolescents who are subjected to this practice fear exclusion or stigma from the others adolescents who do not practice such an act and reprisals or questioning from people in charge of their education.

The study was based on the theoretical triangulation between the theoretical perspective of labelling (diversion and marginal) defended by Becker (2008) and the theory of the symbolic interaction and stigma defended by Goffman (1988), which made possible for us to understand how stigma influences in practice of the insecure abortion. We carried out a study with a qualitative approach aiming to catch the understanding that the adolescents had on practicing the insecure abortion. The target group was the adolescents who practiced the insecure abortion and we applied the semi-structured interview to a total of ten adolescents.

The analysis and discussion of data allowed us to point out that, the social stigma supports the practice of the insecure abortion and causes the adolescents to opt for it. The adolescent who is subdued to the insecure abortion is not an isolated being from her context, specially from the social network of relations as the group of couples, because these agents have a relevant influence in the actions taken by the adolescent in her everyday life. The gathered data validated this hypothesis.

Keywords: Unsafe abortion; Adolescence, Social networks and Social stigma.

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

Índice

Introdução	1
1. Da Revisão da Literatura à Formulação do Problema	5
1.1. Aborto Inseguro	5
2. A Teoria da rotulagem de Becker (2008) e o interaccionismo simbólico e estigma de Goffman	11
2.1. Definição dos conceitos	16
2.1.1. Adolescência	17
2.1.2. Do conceito de Aborto ao conceito de Aborto Inseguro	18
2.1.3. Redes de Relações Sociais	18
2.2. Modelo de análise	20
3. Metodologia	21
3.1. Abordagem de pesquisa	21
3.2. Método de abordagem.....	21
3.3. Técnicas de Recolha de Dados.....	21
3.4. Universo Populacional e amostra.....	22
4. Apresentação e Discussão dos Resultados.....	23
4.1. Análise e Interpretação de Dados.....	23
4.2. Perfil Socio-demográfico dos Entrevistados.....	23
4.3. Construção da categoria Aborto.....	24
4.3.1. Aborto como uma prática social	24
4.3.2. Aborto como um refúgio à exclusão social.....	26
4.4. Estigma na prática do aborto.....	27
4.4.1. Prática do aborto como um meio de escapar da exclusão.....	28
4.5. Razões para a prática do aborto	32
4.5.1. Influência das amigas.....	32

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

4.5.2. Os pais influenciam nas decisões dos filhos	33
5. Considerações Finais	35
Referências Bibliográficas	37
Anexos	39
Cronograma das Actividades	39
Guião de Entrevista.....	40

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

Introdução

O presente trabalho desenvolveu uma pesquisa científica que tratou da questão do aborto na adolescência. A pesquisa procurou mostrar como este fenómeno se desenrola no quotidiano das adolescentes e de que maneira os valores sociais e económicos condicionam a prática do mesmo.

Para conduzir a pesquisa partimos do pressuposto de que a prática do aborto inseguro na adolescência é produto do isolamento por parte das redes de relações socialmente construídas. Ou seja, as adolescentes que se sujeitam a essa prática fazem-na por temer a exclusão ou estigma por parte das outras (adolescentes que não praticam tal acto) e represálias por parte dos seus responsáveis. Portanto, estando numa situação de gravidez as adolescentes rodeadas de valores sociais rígidos procuram fazer o aborto, buscando alternativas acessíveis às suas condições.

Este estudo procurou buscar elementos factuais que ajudam a construir uma compreensão sobre o tema em causa tendo como ponto de partida as redes de relações sociais e os valores económicos. Segundo o Inquérito Demográfico e Saúde (2005), as zonas urbanas têm-se revelado como zonas onde os índices de casos de aborto são mais altos. Esta constatação justificou em parte a delimitação espacial do estudo para a Cidade de Maputo, concretamente no Bairro de Chamanculo. Aliado ao facto acima exposto, o estudo foi conduzido na Cidade de Maputo, Bairro de Chamanculo, por ser acessível e por ser um espaço onde casos de aborto ocorrem com maior incidência.

No presente estudo são abordadas ferramentas analíticas do campo da sociologia. Dada a relevância social e académica do tema a pesquisa concentrou-se nos aspectos psicossociológicos e analisou as representações sociais sobre a gravidez na adolescência recorrendo à teoria de rotulagem com ênfase na acção colectiva e normais e estigmatizados.

A construção do problema de pesquisa teve como ponto de partida a ideia segundo a qual o comportamento sexual dos adolescentes está ligado aos valores e regras que a família transmite e que o aborto inseguro por sua vez é consequência do estigma que as adolescentes sofrem por abortarem. Entendemos mediante a revisão da literatura que, quando a família deixa de transmitir os valores e regras de comportamento sexual esperados, há uma maior probabilidade de as

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

adolescentes se encontrarem em situação de gravidez que conduz à um aborto porque, afinal, a mesma não era desejada.

O argumento que construímos é que a maneira como as redes sociais percebem o comportamento sexual e reprodutivo, em particular a gravidez da adolescente, determina a forma de agir, pensar e sentir da adolescente sobre a sua gravidez. Assim, os valores resultantes fazem com que a adolescente tenha consciência da atitude que deve desenvolver no seu dia-a-dia em torno da sua gravidez e neste sentido pode-se afirmar que a família, os parceiros das adolescentes, grupo de amigos e a escola exercem uma influência em relação aos significados e percepções que a adolescente tem sobre a sua gravidez.

Percebe-se que a previsibilidade do comportamento dos pais e encarregados de educação constitui um elemento determinante no aborto na adolescência. Prevendo o comportamento dos membros das redes de socialização de que faz parte, a adolescente pode ser conduzida a praticar o aborto. Essa previsibilidade do comportamento ou reacção dos elementos das redes de socialização é que vai determinar o comportamento da adolescente e a adolescente tem diante de si duas opções: abortar e não abortar. E devido a questões financeiras, falta de protecção dos pais e medo de estigma social o aborto tende a ser de carácter inseguro.

Em geral podemos afirmar que a prática do aborto provocado ou também denominado intencional sempre esteve presente na história da humanidade e assumiu a qualidade de ser um tema complexo e bastante estigmatizado pela sociedade. No entanto, suas concepções são diferentes e tornam impossíveis afirmações gerais e conclusivas, ou seja, não há uma motivação geral que causa este fenómeno. O que se identifica, ao longo da história, é que as motivações que levam as mulheres a abortar variam de acordo com a sociedade e a cultura. Assim sendo e para o caso particular da adolescente que se submete ao aborto, reconhecemos que ela não é um ser isolado do seu contexto, sobretudo das redes de relações sociais como o grupo de pares, pois, estes agentes têm uma influência relevante nas acções desenvolvidas pela adolescente no quotidiano. É partindo deste pressuposto que é estudado o fenómeno e nos termos da seguinte questão: O que sustenta a prática do aborto inseguro por parte dos adolescentes?

Como forma de responder a pergunta de partida elaboramos a seguinte hipótese: O estigma social sustenta a prática do aborto inseguro e motiva as adolescentes a optarem por esta prática.

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

Relatos de casos em que adolescentes, acompanhadas ou não dos seus parceiros, sujeitam-se ao aborto, procurando medicamentos para interromper a gravidez, associados aos vários riscos do aborto em condições precárias, constituíram a principal motivação para a escolha do presente tema para trabalho de fim de curso.

O objectivo geral do trabalho foi compreender o que sustenta a prática do aborto inseguro por parte das adolescentes. De forma a alcançar o objectivo geral definimos objectivos específicos, nomeadamente: (i) Identificar o perfil sócio-demográfico das adolescentes envolvidas na prática do aborto inseguro; (ii) Explicar a maneira como o estigma concorre na prática do aborto inseguro; (iii) Identificar as condições sócio-económicas das adolescentes envolvidas nesta prática, e (iv) Mencionar o tipo de rede de relações que as adolescentes envolvidas na prática do aborto inseguro accionam.

No presente estudo optamos por uma triangulação teórica entre a perspectiva teórica de rotulagem (desviantes e marginais) defendida por Becker (2008) e a teoria do interaccionismo simbólico e estigma defendida por Goffman (1988). A teoria de rotulagem defendida por Becker (2008) consiste na sistemática imputação de marcas ou atributos a uma pessoa ou grupo, de modo que tais atributos sejam admitidos pelos seus portadores e pelos outros com quem se relaciona. Essas características podem ter valoração positiva ou negativa. Por sua vez, Goffman (1988), afirma que o estigma envolve não tanto um conjunto de indivíduos concretos que podem ser divididos em duas pilhas, a de estigmatizados e a de normais, quanto um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos, pelo menos em algumas conexões e em algumas fases da vida.

A presente pesquisa é de natureza hipotético-dedutivo, uma vez que parte de uma problemática que nos levou a avançar uma possível resposta. Adoptamos a pesquisa qualitativa como método e técnica do estudo. No presente estudo foi usada a técnica de entrevista semi-estruturada porque para além de ela dar a oportunidade de esclarecer qualquer tipo de pergunta (Moreira e Caleffe, 2006) permite respostas abertas e detalhadas. O universo populacional foi constituído por indivíduos adolescentes do sexo feminino, com idades compreendidas entre 15-17 anos e a amostra foi construída recorrendo a técnica de “Bola de Neve” (MINAYO, 2000).

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

A escolha desta técnica está ligada ao facto de termos identificado duas adolescentes que indicaram outras que tinham também se sujeitado ao aborto.

O trabalho está organizado em cinco capítulos, dos quais o primeiro apresenta a revisão da literatura, o segundo a teoria de rotulagem de Becker e o interaccionismo simbólico e estigma de Goffman, o terceiro a metodologia. A apresentação e discussão dos resultados é o conteúdo do quarto capítulo e por último, as considerações. As referências bibliográficas são apresentadas na parte final do relatório do trabalho de licenciatura.

1. Da Revisão da Literatura à Formulação do Problema

1.1. Aborto Inseguro

Neste capítulo apresentarmos a literatura consultada e destacamos inicialmente as obras que se debruçam sobre a gravidez e posteriormente sobre o aborto e aborto inseguro respectivamente.

A tentativa de organizar esta secção em abordagens implicou considerar que, os estudos ora existentes sobre o fenómeno em questão, dividem-se em dois grupos, nomeadamente, aquelas que afirmam que o aborto deve ser analisado tendo em conta o contexto em que a gravidez ocorreu (Da Silva, 2003; Domingos, 2011; Oliveira, 2008; Nogueira, 2011; Carvalho, 2009; Ratilal, 1999; Marquini, 2008; Ávila, 1998; Matsinhe, 2012 e Costa, 1998). e por outro lado, as que desencorajam a prática deste fenómeno tendo em conta as suas consequências, como afirmam os autores (Peloso et. al. 2002; Bezerra et al. 2006; Da Silva et al. 2007). Contudo, a preocupação fundamental do presente estudo foi procurar uma compreensão sobre determinantes sociais e económicas que justificam o fenómeno do aborto inseguro, tendo em conta as redes de relações que as adolescentes accionam.

Defendendo a primeira linha de argumentação, Da Silva (2003), observa que as adolescentes que engravidam percebem a família como pouco unida, com baixo nível de comunicação entre membros e normalmente, os pais não vivem juntos, acarretando baixa renda familiar; enquanto àquelas jovens que não engravidam, percebem um relacionamento adequados, parece ser menos provável que a gravidez na adolescência ocorra. As filhas de pais separados ou solteiros possuem maior probabilidade para engravidar durante a adolescência, atribuindo tal facto à ausência do pai na família, embora o mesmo não ocorra quanto ao inter-curso sexual dos rapazes.

Sendo assim, este autor refere que grande problema que está detrás da gravidez na adolescência por parte dos adolescentes reflecte na desvinculação do afecto dos seus progenitores, isso é, quando os pais se separam a probabilidade de engravidar é maior. Mas este autor concorda com a ideia de que a ausência de laços familiares está por detrás da gravidez precoce, visto que, vê no seu parceiro como forma de solucionar os seus problemas psicológicos e emotivos. Deste modo, pode se observar a partir do pensamento do autor que o aborto por sua vez pode ser consequência

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

do isolamento da adolescente por parte dos seus progenitores, o que faz com que elas recorrem a redes de relações socialmente criadas para pedirem conselhos, sendo que muitas vezes o aborto inseguro tem sido a melhor solução.

Concordando com Silva, Oliveira (2008), afirma que tem sido muito comum identificar como um dos principais aspectos que contribuem para a gravidez na adolescência, a falta de diálogo familiar, que ocorre em maior grau entre famílias carentes, com menos instrução ou também por valores religiosos, que permitem esse tipo de informação aos filhos. Este autor defende que, a ausência de laços afectivos fortes na família e da atenção aos seus peculiares problemas e o sentimento de abandono podem levar a jovem adolescente a apoiar-se apenas no namorado e nos amigos para resolução dos seus problemas pois, nestes espaços a adolescente encontra maior liberdade para explorar assuntos ligados ao seu corpo enquanto sexuado, liberdade esta que não encontra na família e ao exercer a sua sexualidade a adolescente pode ser surpreendida por uma gravidez. Não estando preparada a adolescente acciona outros mecanismos como forma de se desfazer da mesma, e este mecanismo pode ser um aborto ainda que não seja de forma segura.

A falta ou ausência de afectos por parte dos pais e a sua preparação psicológica, em muitas famílias pode influenciar na vida das adolescentes e da própria criança. Sendo deste forma os transtornos que podem advir da falta de acolhimento por parte dos pais, podem criar outros problemas de origem psicológicas que possam afectar a gravidez e o desenvolvimento da criança.

Nesta perspectiva, Peloso et al. (2002) afirma que gravidez na adolescência tem sido considerada uma situação de risco e um elemento desestruturante da vida de adolescentes e funciona como elemento determinante na produção do ciclo de pobreza das populações, ao colocar impedimentos na continuidade de estudos e no acesso ao mercado de trabalho, sobretudo entre adolescentes. Todavia, as adolescentes que engravidam mais cedo são obrigadas a abreviar uma etapa de sua vida para assumir o papel de uma pessoa adulta. Deixam de ser filhas para serem mães, tem sua função social trocada, e o prazo de proximidade nove meses para assimilarem e incorporarem esse novo papel.

Bezerra et al (2006), afirma que a gravidez na adolescência é vista como sendo o problema mais comum nas classes socioeconómicas menos favoráveis, em famílias desestruturadas, por

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

exemplo, como no caso de pais ausentes, e em alguns ambientes de risco, como o de abuso de drogas ou de promiscuidade sexual. A baixa escolaridade, a imaturidade psicológica, bem como a iniciação da vida sexual precocemente, integradas à falta de conhecimento sobre a saúde reprodutiva e contraceção, levam a uma maior incidência de gravidez na adolescência. Por último, a vontade de engravidar é ainda maior, outro factor de risco a considerar.

A gravidez na adolescência constitui uma preocupação para os profissionais de saúde de todo mundo especialmente pelas implicações biológicas, sociais psicológicas. Onde os efeitos negativos na qualidade de vida das jovens que engravidam estão assente no dono do seu crescimento pessoal e profissional. Além da dificuldade que elas poderão ter por não saber lidar com o papel de ser mãe, ou carregar o estigma de ser mãe na adolescência podendo leva-la um processo de transtornos da ansiedade e do humor.

Fazendo face a primeira linha de argumentação, Nogueira (2011), afirma que a questão do aborto é uma mera concepção burguesa de modernismo. Este autor procura mostrar que, na Europa e mais especificamente na Alemanha, praticamente não nascem mais crianças, e as mulheres ditas emancipadas, não querem perder tempo com casa, actividades domesticas. Para um mundo considerado desenvolvido, isto seria coisa de país pobre e subdesenvolvido.

Queremos acreditar que o pensamento do autor pode ser confuso e contraditório quando deparado em situações que alguns países desenvolvidos se verificam situações de adolescentes grávidas. Em alguns países emergentes como Brasil, tem sido comum verificarem-se adolescentes em situações de gravidez e a praticarem aborto por consequência desta. Estes indicadores, mostram que a questão de gravidez e aborto não são excepções de países subdesenvolvidos.

Por sua vez, Carvalho (2009) em seu estudo sobre mulheres jovens e o processo de aborto clandestino, argumenta que as decisões reprodutivas acontecem em contextos difíceis, marcados por condições materiais inadequadas aliadas ao crescente desemprego e a baixa escolaridade, e por relações de afecto instáveis e conflituosas em cenários de violência, que afectam na sua maioria os jovens. Para a autora, o aumento da fecundidade entre jovens e adolescentes e as práticas de abortamento inseguro, são factores preocupantes na saúde reprodutiva desse grupo,

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

principalmente quando ocorrem em situações sociais caracterizadas pelo desemprego, a baixa escolaridade e a pobreza, os quais geram situações de extrema vulnerabilidade.

O estudo feito por Domingos (2011) argumenta que a decisão do aborto, sendo uma decisão da mãe ou da autonomia das praticantes culmina em significados diferentes atribuídos a esta acção. Portanto, para este autor, o aborto por vezes é uma decisão da mãe não da própria adolescente. Para este autor, as mulheres que abortaram por decisão ou imposição da mãe têm desejo de ter outro filho. Diferentemente das mulheres que optaram por esta acção por vontade própria que não desejam voltar a ter esta explicação. Contudo, avança o autor, para ambos os casos, as adolescentes vivenciaram com desespero a descoberta da gravidez, visto que não haviam desejado nem planejado. Assim sendo, o aborto foi resultado da culpa e arrependimento.

Partindo do pressuposto de que para que haja aborto é antes necessário que primeiro haja gravidez, que para os propósitos desse estudo, pensamos que seja uma gravidez indesejada, julgamos que seja inevitável não trazer estudos que olham para o aborto como consequência duma gravidez indesejada. Concordando com este pressuposto, Da Silva *et al* (2007), afirma que a estrutura familiar da jovem gestante possui grandes influências para que tenha engravidado.

Para este autor, família é o grupo social no qual o indivíduo pode se expressar com intimidade e espontaneidade, sendo um importante elemento para a saúde de seus membros; em uma família na qual a falta de afecto, a indiferença e a comunicação inadequada imperam, promovem-se péssimos resultados no desenvolvimento de relações sociais entre pais e filhos; assim a comunicação entre seus integrantes possui fundamental importância para o bem-estar emocional dos mesmos. Dessa maneira, o contexto familiar pode influenciar o comportamento dos adolescentes.

Ratilal (1999) toma como ponto de partida da sua tese o peso de variáveis como os valores e regras que a família transmite aos mesmos. Nisto, a autora argumenta que a família deixou de transmitir os valores e regras de comportamento sexual esperado. Uma das constatações da autora é a de que boa parte das informações sobre sexualidade são passadas entre amigos e colegas, e pouco há a intervenção da família no que concerne a passagem de informações sobre o assunto ligado a saúde sexual e reprodutiva.

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

Assim, os pais e professores são considerados como indivíduos que influenciam de forma determinante no comportamento sexual das adolescentes pelo facto de transmitirem-lhes costumes, modo de vida e a hierarquia de valores sobre a sua sexualidade. E quando essas adolescentes vivenciam a gravidez, os pais são tidos também como principais responsáveis tendo em conta que, são eles que socializam os filhos sobre a vivência da sua sexualidade de forma restrita. Portanto, segundo Silva *et al*, (*idem*) o aborto na adolescência é vista como uma consequência da gravidez indesejada, onde no processo de socialização, os agentes responsáveis por transmitir informação sobre a saúde sexual e reprodutiva não o fazem, há falta de comunicação e indiferença em relação a assuntos ligados a sexualidade.

Ainda na mesma linha de pensamento, autores como Marquini (2008) avançam que, na família, os diálogos relacionados à sexualidade ainda são pouco frequente ou em muitos casos inexistentes. Na escola, os debates na maioria das vezes ocorrem de maneira tímida com enfoque nos aspectos biológicos e reprodutivos. Cria-se desta forma, uma lacuna no desenvolvimento do adolescente como ser em construção.

Na concepção de Ávila (1998), a adolescente usa o sexo como meio de buscar o afecto que lhe falta, para acabar com a carência afectiva que se acentua neste período pela mudança de atitude que os pais e a sociedade passam a ter para com ela. Ela não recebe mais os cuidados e protecções que recebia na infância. Nem tao pouco recebe orientação adequada quanto ao exercício da sua sexualidade. O sexo passa a ser visto como canal de descarga de suas angústias e conflitos e também como algo perigoso, com risco de engravidar e ser estigmatizada. A adolescente muitas vezes não tem força de vontade para controlar sua energia sexual e acaba deixando “rolar” a sua vida sexual.

O autor afirma que a vontade de conhecer o novo, de se auto-afirmar e se sentir independente, como busca de um par, como rebeldia contra o mundo ou contra os pais, a ignorância, a desinformação ou dificuldade de usar métodos anticoncepcionais, acabam levando a adolescente despreparada a uma gravidez indesejada. Desta forma, a autora acaba por concluir que adolescentes desejam ter relacionamentos e fazer sexo e não ter filho, ainda presente a ilusão de que “comigo isso não acontece” ocorre a gravidez indesejada.

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

Por seu turno, na mesma linha de orientação, Matsinhe (2012) afirma que o comportamento sexual é influenciado por um conjunto de valores e normas que a adolescente interioriza no seio das redes de sociabilidade como a família, parceiro, grupo de amigos e a escola. Contudo ambos autores citados nessa secção, olham para o aborto na adolescência numa vertente em que considera que este fenómeno é determinado pela disfunção da família. Na opinião destes autores, essa disfunção da família manifesta-se no sentido em que a família para estes autores, deixou de transmitir os valores, regras e normas de comportamento sexual esperado. Nesse sentido, a adolescente tem outras orientações, vinda de amigos, parceiro entre outros.

No que cerne a sexualidade, que também está intrinsecamente ligado ao tema em questão, cabe citar Costa (1998). Para este, a socialização dos jovens no campo da sexualidade dá-se principalmente entre os pares, quando as conversas sobre o tema sexualidade têm lugar privilegiado no grupo de pares, seja porque conversar com amigos é mais agradável ou mais fácil, seja porque o diálogo com os pais é dificultado por fronteiras de geração ou pela falta de conhecimento que os pais apresentam ao abordar sobre sexualidade.

Assim sendo, concordamos com a ideia de que boa parte das informações sobre sexualidade e prática do aborto são passadas entre amigos e colegas, e pouco há a intervenção da família no que concerne a passagem de informações do género. Isto acaba remetendo a ideia de que o aborto inseguro na adolescência é produto das redes de relações que as adolescentes accionam entre elas, por causa da ausência dos seus educandos.

Afinal, acredita-se que se os pais estivessem por perto a adolescente evitava a gravidez, e mesmo estando no acto, julgamos que o melhor caminho a ser tomado não seria a gravidez. Accionando esta rede de relações sociais, uma vez grávidas, dialogam entre elas e o caminho mais viável é o aborto, e como forma de não serem descobertos fazem-no de forma clandestina o que provoca uma insegurança total no acto, expondo a vida da adolescente em risco.

Ainda incidindo pelo fenómeno, não negamos a pertinência dos argumentos dos autores ora consultados, porém, acreditamos que o pensamento dos mesmos não satisfaz os objectivos traçados neste estudo, na complexidade. Com isso queremos dizer que, esses autores ignoram a possibilidade das adolescentes terem consciência dos valores, normas e regras sobre a sexualidade. E que, é essa consciência dos valores sociais que as adolescentes por temerem

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

qualquer tipo de represália social aderem ao aborto. Facto que lhes leva a uma referente a que tipo de aborto aderir. A situação referente a que tipo de aborto aderir é fundamentalmente determinada por questões financeira a excessiva burocracia que caracteriza o aborto legal ou institucional, por um lado, e por outro lado por medo de estigma pela sociedade.

2. A Teoria da rotulagem de Becker (2008) e o interaccionismo simbólico e estigma de Goffman

Neste capítulo apresentamos a teoria de rotulagem de Becker e o interaccionismo simbólico e estigma de Goffman.

A Teoria da Rotulação consiste na sistemática imputação de marcas ou atributos a uma pessoa ou grupo, de modo que tais atributos sejam admitidos pelos seus portadores e pelos outros com quem se relaciona. Essas características podem ter valoração positivos ou negativos. No caso da Sociologia do Desvio, o rótulo é sempre negativo (BECKER, 2008).

Os teóricos da rotulação acreditam que o desvio é entendido quando descobrimos por que alguns indivíduos recebem o rótulo de “desviantes” e outros não. Na sociedade, os padrões adoptados são estipulados geralmente por representantes que possuem força e influencia para impor aos outros suas definições de moralidade; são essas pessoas responsáveis pela maioria dos rótulos, e estes evidenciam a estrutura de poder vigente numa sociedade. Exemplo disso são as regras formuladas dos ricos para os pobres, de pessoas mais velhas para os jovens, do homem para a mulher, e das maiorias étnicas para os grupos minoritários.

Segundo a teoria da rotulação o carácter desviante ou não de um acto depende da maneira que os outros reagem a este, ou seja, o desvio é resultado das iniciativas do outro, visto que ele encandeia um processo de intervenções colocadas em prática para seleccionar, identificar e tipificar os indivíduos (BECKER, 2008).

Um acto não é desviante em si, nem seu autor um desviante por traços de sua personalidade ou influência de seu ambiente. O desvio se revela como um status atribuído a determinados indivíduos mediante um duplo processo: a definição do desvio, que atribui à conduta, o carácter desviante; e a selecção que etiqueta e estigmatiza um autor como desviante, entre todos aqueles

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

que praticam tais condutas. O grau em que um acto será tratado como desviante depende de quem o comete e de quem se sente prejudicado por ele. As regras tendem a ser aplicadas mais a algumas pessoas do que a outras.

Antes de um acto ser visto como desviante, e antes que qualquer indivíduo possa ser rotulado e tratado como desviante por cometer tal acto, alguém precisa ter feito a regra que define o ato dessa maneira. Para que uma regra seja criada, o dano precisa ser descoberto e mostrado, alguém deve chamar a atenção do público para esse problema, e assim, ser criada a regra.

Para Becker (2008), a criação e imposição de regras é claramente uma questão de poder político e económico. As pessoas estão sempre impondo suas regras a outras, aplicando-as mais ou menos contra a vontade e sem o consentimento desses outros. Em geral, as regras são feitas pelos mais velhos para os mais jovens, pelos brancos para os negros, pela classe média para as classes baixas. Pelo estudo realizado concluímos que o problema do desvio não deve ser analisado de modo isolado, mas como produto de interações entre indivíduos considerados desviantes e não-desviantes na sociedade. A noção de estabelecidos, assim como a de Outsiders, também é de grande relevância para que o desvio seja compreendido, afinal são estas as pessoas que ditam os padrões sociais e morais que devem vigorar na sociedade.

Becker explica que todos os grupos sociais elaboram regras que determinam situações e tipos de comportamentos a eles apropriados, definindo alguns como “certos” e outros como “errados”, e tentam, em determinadas circunstâncias, impô-las aos indivíduos do grupo. Dessa forma, “quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como um outsider” (BECKER, 2008, p. 15).

No entanto, pode ser que a pessoa que infringiu a regra tenha uma opinião diferente sobre a questão e não aceite a regra pela qual está sendo julgada; pode não encarar aqueles que a julgam competentes ou legitimamente autorizados a fazê-lo. Assim, aquele que infringe a regra pode pensar que seus juízes são outsiders, dando um novo sentido ao termo.

O grau em que alguém é considerado outsider, em qualquer dos dois sentidos, varia conforme a gravidade da transgressão e, por conseguinte, a força da regra imposta. Costumamos perceber

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

determinados comportamentos transgressores – como uma infracção no trânsito ou alguém que bebe demais numa festa – com certa tolerância, pois, afinal, não somos tão diferentes.

Desse ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do acto que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um “infractor”. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal. (BECKER, 2008, p. 22)

Para que haja desvio, é necessário que exista uma regra que proíba determinado comportamento, que o considere desviante. Em qualquer sociedade, por mais simples que seja, existem diversos grupos étnicos, religiosos, profissionais, estudantis, de lazer, de familiares, amigos etc. -, sujeitos a diferentes regras. Um jovem pode, por exemplo, estar submetido às leis de seu país, ao mesmo tempo em que se sujeita aos mandamentos de sua religião, às normas da Universidade em que estuda e às regras de sua família, por exemplo.

O autor destaca a importância de carreiras desviantes na compreensão do desvio, sendo que o primeiro passo na maioria das carreiras desviantes é o cometimento de um ato não apropriado, que infringe algum conjunto de regras em particular. Nem sempre esse ato é motivado, realizado com o propósito consciente de infringir a regra; outras vezes, nasce do conflito de interesses do agente, que, embora aceite a regra que proíbe determinado comportamento, age contrariamente visando a um bem que julga maior; por fim, pode resultar, ainda, da mera não-aceitação da regra imposta.

No entanto, um dos elementos mais decisivos no processo de construção de um padrão estável de comportamento desviante é ser rotulado publicamente de desviante, por meio da imposição da regra que foi violada. Ainda que ninguém descubra que foi cometida determinada impropriedade, ou deixe de impor a regra, o indivíduo que a cometeu pode, ele próprio, impor-se a regra, marcando a si mesmo como desviante em razão do que fez e punindo-se de uma maneira ou de outra por seu comportamento.

Ser marcado como desviante tem importantes e profundas consequências para a participação social e a auto-imagem do indivíduo. A mais importante é uma mudança drástica em sua identidade pública; cometer o ato impróprio e ser apanhado lhe confere um novo status. É

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

rotulado, por exemplo, de criminoso e, via de consequência, tratado como tal (BECKER, 2008, p. 42).

Desta forma, fica claro que o comportamento desviante é, muitas vezes, uma consequência da reacção pública ao desvio, e não um efeito das qualidades inerentes ao ato desviante. A questão é que o tratamento dado aos desviantes lhes nega os meios comuns de levar adiante as rotinas da vida cotidiana acessíveis à maioria das pessoas e, em razão dessa negação, o desviante é levado a desenvolver rotinas ilegítimas para sobreviver, gerando um ciclo progressivo de desvio.

No entanto, evidentemente nem sempre aquele que comete um ato desviante e recebe o respectivo rótulo é vítima da inevitabilidade da carreira desviante; é possível que, no momento em que a regra lhe é imposta pela primeira vez, ainda tenha a possibilidade de seguir por caminhos diversos que não o da transgressão, dependendo da força do estigma que recebeu (BECKER, 2008).

Segundo Macamo (2004), a teoria constitui um discurso sistemático, através do qual se apreende e se explica a realidade circundante. Para o autor, para apreendermos qualquer que seja a realidade devemos antes de mais conceber o nosso quadro teórico, até porque esta realidade só ganha relevância sociológica a partir de um quadro teórico. Baseando-nos nessa premissa, no presente estudo recorreremos a triangulação teórica entre o interaccionismo simbólico e estigma defendida por Goffman (1988) e a Teoria da Rotulação defendida por Becker (2008).

A proposta deste estudo de revisitar o interaccionismo simbólico como uma das possibilidades de se pensar os processos identitários a partir de uma perspectiva relacional, na qual as relações de poder ocupam um lugar central na dinâmica de produção das diferenças e do sentimento de pertença.

Em síntese, a teoria interaccionista mobilizada neste estudo, permite reflectir sobre a realidade social por meio das relações sociais, os interaccionistas dão importância central ao que seus representantes denominam ora de “situação”, ora de “contexto”, para se referirem à materialização das interacções no espaço e no tempo. Isso nos remete a opções e procedimentos metodológicos pelos quais os indivíduos organizam as suas acções no contexto de interacção face-a-face e com o mundo. Deste modo, o interaccionismo simbólico se antecipa em relação às

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

críticas a concepções substancialistas e essencialistas em uso tanto na mídia como em parte do campo acadêmico (Goffman, *apud* Ennes, 2013).

O estigma pode ser caracterizado como um mecanismo a priori de identificação do indivíduo, que permite seu conhecimento sem a necessidade de que um contacto mais do que superficial seja com ele realizado, tendo em vista o enquadramento a categorizações de antemão estabelecidas pela sociedade (Goffman, citado por Elias e Scotson, 2000).

O estigma envolve não tanto um conjunto de indivíduos concretos que podem ser divididos em duas pilhas, a de estigmatizados e a de normais, quanto um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos, pelo menos em algumas conexões e em algumas fases da vida. O normal e o estigmatizado não são pessoas, e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contactos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro. Portanto, o estigma não é ruim em si, mas serve para diferenciar negativamente um ou vários sujeitos de determinado grupo comparado. Em outras palavras, serve para reforçar a normalidade deste.

Por sua vez, o negativamente estigmatizado é encarado como pessoa que está inabilitada para a aceitação social plena; um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social quotidiana possui um traço que se pode impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de conhecimento de outros atributos seus. O estigma, pois, limita sensivelmente as possibilidades de agir do sujeito e torna verossímil todas as características negativas atribuídas ao estigmatizado.

A conduta dos seres considerados normais perante o indivíduo estigmatizado é discriminatória e excludente, utilizando-se, ainda, de termos pejorativos para referenciá-lo. Assim, visando a adequar-se ao padrão de normalidade social, o estigmatizado pode esforçar-se para ser aceito pelo grupo; em outros casos, em contrapartida, pode ele assumir uma postura de fuga da realidade, que é a ele tão desfavorável, ou comportar-se de modo combativo (Goffman, citado por Elias e Scotson, 2000).

Nesse sentido (*idem*), “a pessoa estigmatizada algumas vezes confunde entre o retraimento e a agressividade, correndo de uma para a outra, tornando manifesta, assim, uma modalidade

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

fundamental na qual a interacção face-a-face pode tornar-se muito violenta”. Assim, como ápice de todo esse processo, a reacção social adversa gerada pelo estigma pode transformar a concepção que o indivíduo tem de si próprio. Não raro ele se torna auto depreciativo e desenvolve um auto-ódio. Em outros termos, a situação especial do estigmatizado é que a sociedade lhe diz que ele é um membro do grupo mais amplo, o que significa que é um ser humano normal, mas também que ele é, até certo ponto, ‘diferente’, e que seria absurdo negar essa diferença. A diferença, em si, deriva da sociedade, porque, em geral, antes que uma diferença seja importante ela deve ser colectivamente conceptualizada pela sociedade como um todo.

As redes de relações sociais nas quais as adolescentes fazem parte, são responsáveis pela construção da realidade que nos propomos aqui analisar. As ligações de amizade, parentesco, vizinhança e relações de trabalho, são elementos das redes de relações sociais que nos levam a compreender a prática do aborto inseguro. Portanto, essas relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos, estabelecem relações de proximidade e de conhecimento mútuo. Acreditamos que no processo de socialização, as adolescentes foram interiorizando certas normas e valores que lhes impõem o que fazer e o que não. Neste caso, em situação de gravidez levam em conta as normas socialmente estabelecidas e com medo de serem rotuladas como desviantes acabam optando pelo aborto.

2.1. Definição dos conceitos

Nesta secção, procedemos à discussão e operacionalização dos conceitos centrais para a realização da pesquisa, uma vez que os conceitos podem ter diferentes definições ou significados em função do campo de aplicação ou da perspectiva. Afinal, segundo Quivy e Compenhaundt (1998), a conceptualização é mais que uma simples definição ou convenção terminológica, é pois, uma construção que visa dar conta do real. Desse modo torna-se relevante apresentar as definições que serão utilizadas neste trabalho. Contudo, procuramos trazer, antes, as diferentes definições que cada conceito pode assumir. Assumimos como conceitos-chave a definir os seguintes: Adolescência, Aborto e aborto inseguro, e redes de relações sociais.

2.1.1. Adolescência

Na perspectiva de Almeida (1999), a adolescência é uma fase na qual os indivíduos vivenciam um conjunto de transformações ligadas a vida social, cultural, psicológica e biológica. Dentre estas mudanças o autor destaca as modificações corporais desencadeadas por acção hormonal, sendo que até aos dezoito anos já se encontra concluída a puberdade. Almeida aponta para mudanças comportamentais como rejeição aos pais, busca de uma identidade autónoma, chamando maior preocupação dos pais.

Adolescência pode ser definida como uma etapa intermediária do desenvolvimento humano, entre a infância e a fase adulta. Esta etapa é definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como o período da vida que vai precisamente dos 10 até os 19 anos. Tem início como ponto de referência menstruação nas meninas e a primeira ejaculação nos meninos. Caracteriza-se por mudanças físicas aceleradas e características da fase da puberdade, diferentes do crescimento e desenvolvimento que ocorrem em ritmo constante na infância. Essas alterações são influenciadas por factores hereditários, ambientais, nutricionais e psicológicos (OMS, 1994).

Para efeitos desta pesquisa, iremos trazer também a definição de adolescência defendida por Pais (1993). Adolescência como categoria socialmente construída é vista por Pais (1993), como estando sujeita a modificações ao longo do tempo. A segmentação do curso da vida em sucessivas fases é produto de complexo processo de construção. Para este autor, adolescência não pode ser simplesmente considerado como uma fase de vida, como um grupo de indivíduos que antecede a entrada no mundo adulto pois, os adolescentes não vivem ou experimentam as mesmas coisas de forma semelhante.

As duas definições acima apresentadas são relevantes para a compreensão do conceito adolescência. Porém, a definição da OMS ao fazer uma delimitação etária irá nos permitir delimitar de forma objectiva os elementos do nosso grupo alvo. Isso no sentido em que, no estudo que pretendemos fazer, fala-se de adolescentes que encontram-se na fase da puberdade, dado que são susceptíveis a gravidez.

2.1.2. Do conceito de Aborto ao conceito de Aborto Inseguro

Aborto é a expulsão ou extração de um embrião ou feto pesando menos de 500g (aproximadamente 20-22 semanas de gestação), independentemente ou não da presença de sinais vitais. A palavra aborto vem do latim *abortus*, que, por sua vez, deriva do termo *aborior*. Este conceito é usado para fazer referência ao oposto de *orior*, isto é, o contrário de nascer. Como tal, o aborto é a interrupção do desenvolvimento do feto durante a gravidez, desde que a gestação ainda não tenha chegado às vinte semanas. Ocorrendo fora desse tempo, a interrupção da gravidez antes do seu termo tem o nome de parto prematuro (DWORKIN, 2003).

Existem dois tipos de abortos: o espontâneo ou natural, e o induzido ou artificial. O aborto espontâneo ocorre quando um feto se perde por causas naturais. De acordo com as estatísticas, entre 10% a 50% das gravidezes acabam num aborto natural, condicionado pela saúde e pela idade da mãe. Neste sentido, para efeitos desta pesquisa interessa o aborto induzido, provocado ou artificial. Isso no sentido em que, como as terminologias sugerem, é produto da acção humana, nesse caso é algo provocado, com o objectivo de eliminar o feto, seja com ou sem assistência medica (GANDRA MARTINS, 2008).

Segundo a OMS (2003), aborto inseguro é todo tipo de aborto voluntário que é praticado fora das normas de saúde ou de instituições de saúde. Contudo, está é uma prática que como está patente nas definições do aborto supracitadas, implica numa interrupção voluntária da gravidez.

2.1.3. Redes de Relações Sociais

Esta pesquisa socorreu-se deste conceito na perspectiva de Silva (2000). Portanto, utilizamos o conceito de rede social como um conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos, que estabelecem relações de proximidade e de conhecimento mútuo, a partir de partilha de valores, normas e significados comuns. Este conceito permitiu-nos compreender os laços afectivos que são construídos e mantidos entre as adolescentes envolvidas no aborto inseguro. Ou meso como afirma Maia (2000), o estudo das redes sociais pressupõe que se estude os “indivíduos” a partir das relações que estes estabelecem entre si.

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

Para sustentar a nossa opção conceptual recorreremos também a contribuição de Granovetter (1972). Na perspectiva deste autor, a grandeza ou fraqueza de uma rede, é uma variável que depende da intensidade das emoções e intimidades, bem como reciprocidades que se estabelecem integrantes da mesma rede. Em função disso, quanto mais sólidos forem os laços entre os integrantes de uma rede, maior é a possibilidade deste fechar-se a si mesma a ponto de não estabelecer relações com outras redes.

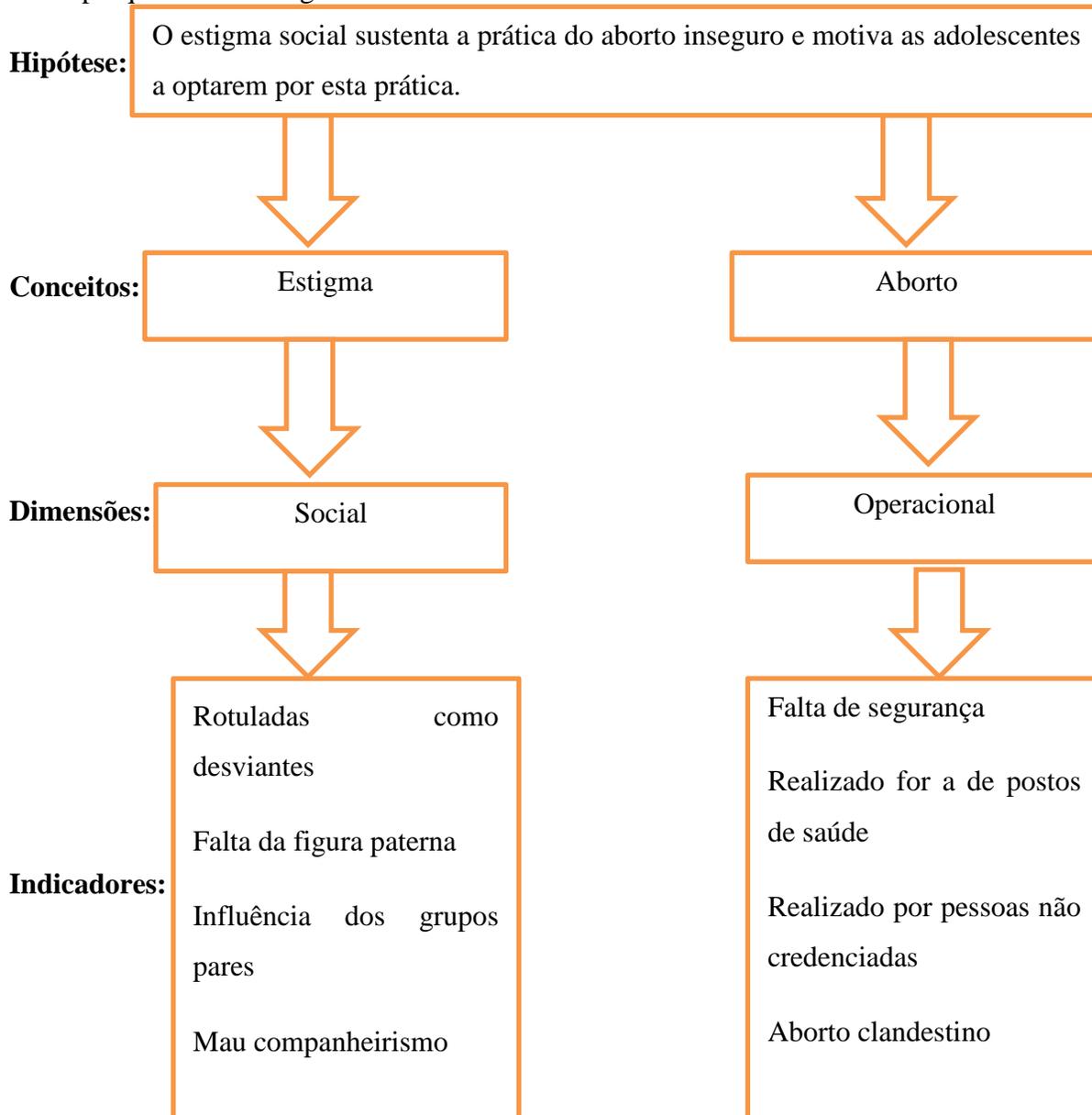
Na perspectiva de Gulati (1998), redes sociais são um agrupamento de núcleos (pessoas, organizações) ligado por um leque de relações sociais (amizades, transferências de fundo etc.) de um tipo específico. Tais redes são estruturadas a partir da definição dos papéis, atribuições e relações entre os seus actores, o que caracteriza o processo de estruturação e heterogeneização da rede, que busca flexibilizar o seu funcionamento, através de relações de cooperação sem, contudo, eliminar os conflitos e a competição.

Para a finalidade desta pesquisa, os conceitos de adolescência, gravidez, aborto inseguro e rede de relações são pertinentes para o alcance dos objectivos traçados. No concernente a adolescência, o conceito da Organização Mundial de saúde complementa os objectivos da pesquisa ao trazer uma delimitação da faixa etária no concernente ao que é adolescente. Embora na legislação moçambicana a adolescência vai até aos 17 anos o que quer dizer que uma gravidez dentro desta faixa etária é susceptível a vários esteriótipos, o que motiva as adolescentes a abortarem como forma de distanciarem-se dos rótulos da sociedade.

No tocante ao aborto inseguro optamos com a definição que considera todo tipo de aborto voluntário que é praticado fora das normas de saúde ou de instituições de saúde, afinal é este que concordamos ser o mais aderido pelas adolescentes por falta de condições económicas, que chamamos na primeira hipótese de custo de vida. Finalmente, o conceito de rede de relações também é pertinente, principalmente o que olha na vertente de um agrupamento de núcleos (pessoas, organizações) ligado por um leque de relações sociais (amizades, transferências de fundo etc.) de um tipo específico.

2.2. Modelo de análise

Para Quivy e Compenhoudt (1998), modelo de análise é a articulação de conceitos e hipóteses em forma operacional dos marcos e pistas que são retiradas da problemática, e que ajuda a orientar o pesquisador no trabalho de observação e análise. Assim, o modelo de análise referente a esta pesquisa fica da seguinte forma:



3. Metodologia

Neste capítulo apresentamos a trajetória seguida para a realização do presente estudo. Assim, são descritos os métodos de abordagem e de procedimento, as técnicas de recolha de dados, a delimitação do universo de pesquisa e a amostragem.

3.1. Abordagem de pesquisa

Adoptamos a pesquisa qualitativa como método e técnica do estudo. A pesquisa qualitativa dá prioridade ao estudo dos significados, valores e crenças partilhados pelo grupo social num contexto específico (Minayo, 1993). É neste sentido que esta abordagem tornou-se prioritária e a partir da mesma procuramos operacionalizar a variável redes de sociabilidade sendo esta a variável independente.

3.2. Método de abordagem

A presente pesquisa é de natureza hipotético-dedutivo, uma vez que parte de uma problemática que nos levou a avançar uma possível resposta. A resposta antecipada, com recurso à pesquisa empírica, foi confirmada ou infirmada (Gil, 2008).

3.3. Técnicas de Recolha de Dados

A entrevista foi a técnica usada nesta pesquisa. Segundo Lakatos e Marconi, a entrevista é uma “conversa efectuada face-a-face, de maneira metódica, que proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária”, (Lakatos e Marconi, 1992: 107).

Esta técnica foi a privilegiada nesse trabalho, dado que permite a recolha de informação de forma mais precisa e profunda. Especificamente, será usada a entrevista semiestruturada, que é, como referiu Moreira e Caleffe (2006), um meio-termo entre a entrevista estruturada e a entrevista não-estruturada, a qual inclui os temas a serem discutidos na entrevista, mas o entrevistado é livre de desenvolver as questões da maneira que quiser.

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

No presente estudo foi usada a técnica de entrevista semi-estruturada porque para além de ela dar a oportunidade de esclarecer qualquer tipo de pergunta (Moreira e Caleffe, 2006) permite respostas abertas e detalhadas.

Constituíram também técnica de recolha de dados para esta pesquisa as histórias de vida. Esta é também uma técnica qualitativa de recolha de dados.

3.4. Universo Populacional e amostra

O universo populacional foi constituído por indivíduos adolescentes do sexo feminino, com idades compreendidas entre 15-17 anos, referidos como indivíduos na fase de puberdade, e recorreremos à definição da OMS para delimitar de forma objectiva os integrantes do grupo alvo.

A amostra foi construída recorrendo a técnica de “Bola de Neve” (MINAYO, 2000). A escolha desta técnica está ligada à facilidade conseguida de identificar duas adolescentes que indicaram outras que também se sujeitaram ao aborto.

Essa técnica é usada em pesquisas sociais, onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objectivo proposto (o “ponto de saturação”). O “ponto de saturação” é atingido quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa. Portanto, a snowball (Bola de Neve) é uma técnica de amostragem que utiliza cadeias de referência, uma espécie de rede.

De salientar que para efeitos do presente trabalho, encontramos duas adolescentes que satisfazem os critérios escolhidos, após uma entrevista com elas, pedimos que nos indicassem outras adolescentes de características similares a elas, ou que têm conhecimento sobre o aborto (melhor, que já abortaram). Estas passaram a servir como informantes-chave para identificação de outras adolescentes, e assim ocorreu o trabalho sem que tenha sido atingido o nível de saturação propriamente dito, dado que cada uma delas acrescia algo novo mas em torno do tema.

4. Apresentação e Discussão dos Resultados

4.1. Análise e Interpretação de Dados

Neste capítulo apresentamos a análise e interpretação dos resultados resultantes da recolha de dados no campo, obtidos junto às adolescentes envolvidas no aborto inseguro. Importa referir que a discussão dos dados vai obedecer a seguinte sequência, nomeadamente, o perfil sócio-demográfico dos entrevistados, categorização da variável aborto partindo do entendimento que os entrevistados têm sobre o mesmo e categorização inerente às motivações que levam as adolescentes a praticarem o aborto.

4.2. Perfil Socio-demográfico dos Entrevistados

Nesta secção apresentamos e discutimos os dados referentes à um universo de dez adolescentes entrevistadas, destacando as seguintes variáveis: idade, naturalidade, residência, estado civil, nível escolar e ocupação profissional.

Os dados revelam que o total de dez adolescentes entrevistadas e envolvidas no aborto são naturais de Maputo e com as idades compreendidas entre 16 a 17 anos. O nível escolar das entrevistadas varia desde o primário completo ao nível médio, o que significa que todas as adolescentes consultadas frequentam a escola.

Assim sendo, os dados colhidos revelam que no universo de dez adolescentes residentes no Bairro Chamanculo, a maior parte (06) estão no ensino básico (10^a Classe); três (03) no ensino primário e uma (01) se encontra no ensino médio. No grupo das entrevistadas a maior parte (07) é composta por trabalhadoras domésticas enquanto que as restantes (03) é de vendedeiras.

Nesta secção podemos concluir que no contexto moçambicano, embora a fase da adolescência inicie aos 12/13 anos, as adolescentes que praticam o aborto (das entrevistadas), têm idades compreendidas entre 16/17 anos. Importa salientar que todas frequentam a escola e têm algo em comum que é o facto de estarem envolvidas na prática do aborto (inseguro). Assim, descarta-se a ideia de que a baixa escolaridade, a imaturidade psicológica, bem como a iniciação da vida

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

sexual precocemente, integradas à falta de conhecimento sobre a saúde reprodutiva e contraceção, levam a uma maior incidência de gravidez na adolescência, afinal, mesmo frequentando a escola engravidam sem o desejar.

4.3. Construção da categoria Aborto

Neste subcapítulo apresentamos a discussão das categorias construídas a partir do entendimento que as adolescentes entrevistadas têm sobre o aborto. Segundo os dados, todas as adolescentes entrevistadas afirmaram ter conhecimento sobre o fenómeno. Estruturamos este subcapítulo em função de duas categorias construídas no entendimento sobre o aborto.

A primeira secção é reservada a categoria do aborto como uma prática social, a segunda e última categoria é a do aborto como refúgio á exclusão social. Importa também salientar que a primeira categoria foi construída com base nas adolescentes que não praticam o aborto, enquanto a última categoria na base das que praticaram o acto.

4.3.1. Aborto como uma prática social

Nesta secção iniciamos a discussão com a categoria de aborto construída no seio das adolescentes que não praticam o acto. Aqui incluímos diferentes depoimentos que analisam o aborto como uma prática social. Por prática social entende-se toda actividade que acontece na sociedade; afinal, todo o ser humano que vive integrado no contexto de um grupo social faz parte de uma sociedade marcada por uma cultura e toda a cultura tem suas próprias regras, ou seja, condutas habituais que têm um significado concreto dentro dessa cultura, mas que não tem valor em outro grupo cultural.

Para que uma prática social se consolide é importante a passagem dos anos. Entretanto, isso não significa que uma prática social seja eterna se levarmos em conta que existem costumes que chegam ao fim porque no contexto actual são interpretados com uma perspectiva totalmente diferente, o que não é o caso do aborto.

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

Podemos compreender que nesta primeira categoria, as entrevistadas construíram o aborto como uma prática que a maioria das adolescentes têm se socorrido. Assim sendo, podemos analisar com mais pormenor alguns depoimentos das entrevistadas:

“Eu nunca fiz aborto, mas tenho muitas amigas que já fizeram mais de uma vez (...!). Esta coisa de aborto já virou hábito, são poucas pessoas que não fazem. Se quer acreditar é tentar descobrir quantas adolescentes ainda não passaram por isso. Tenho certeza que vai se surpreender minha tia.” (Entrevista1, testemunha¹ de 17 anos, nível médio).

“Hoje em dia o aborto não assusta a ninguém, é algo que acontece no nosso dia-a-dia e não digo nesta zona. As pessoas mesmo sabendo que abortar é matar uma pessoa inocente ainda praticam como forma de se aliviarem de futuros problemas”. (Entrevista2, testemunha de 17 anos, nível básico).

A partir dos depoimentos acima, podemos perceber que no seio das adolescentes há uma construção feita em torno do aborto. Para algumas testemunhas, o aborto é uma prática rotineira, e como tal, um alívio aos problemas vindouros. Berger & Luckmann (2004), defendem este posicionamento afirmando que os atores sociais constroem a sua realidade e orientam as suas acções mediante a mesma.

Na vida quotidiana, os indivíduos interpretam o seu mundo e tomam esta interpretação como algo evidente ou óbvio, daí constroem conceitos, formas de pensar e perceber o mundo, que lhes influencia nas práticas e nos comportamentos. No caso concreto, o aborto é construído como uma prática social, afinal, cada sociedade cria diferentes tipos de práticas sociais que se adequam aos seus princípios e contextos culturais.

Chegados aqui, podemos concluir esta secção com uma breve explicação do que já discutimos. É pertinente saber que as adolescentes que praticam o aborto são também submetidas a um tipo de socialização que visa legitimar o que é socialmente aceite ou não dentro da sociedade, pelo que construíram uma imagem a respeito do aborto que lhes permitem entender este ritual como uma

¹ Testemunha, referimo-nos a todas as adolescentes que não praticaram o aborto, mas sim que tenham amigas que já fizeram, tendo elas testemunhado o caso.

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

prática social. Sendo assim, questionados sobre o acto, não encontrarão outra explicação, senão uma prática social.

4.3.2. Aborto como um refúgio à exclusão social

Apresentamos nesta secção a segunda categoria inerente a construção do aborto na base de refúgio à exclusão social. Por exclusão social entende-se o facto de descartar, afastar, ou negar possibilidades de alguém (o outro) aproximar-se ao Eu (estabelecido). Importa salientar que esta categoria de análise faz parte dos atores envolvidos na prática do aborto.

Na concepção desta categoria, o refúgio à exclusão social influencia o aborto, pelo que os atores defendem que esta prática (aborto) visa satisfazer as suas necessidades, fugindo da discriminação social. Antes, importa avançarmos com as análises e interpretações desta categoria, olharmos para algumas entrevistas de atores que defendem esta mesma categoria:

“Bem, eu já fiz o aborto porque negar afinal isso nada muda a minha vida. Mas eu não me arrependo por isso porque foi uma espécie de alívio, e uma forma de sair do isolamento por parte das minhas amigas.” (entrevista3, praticante² de 16 anos, nível primário).

“Aborto não é bom, mas as vezes é uma solução para certos problemas. Estar grávida na adolescência é um grande risco que podia correr, por isso resolvi abortar” (entrevista4, praticante de 17 anos, nível básico).

Os depoimentos acima concordam que muitas adolescentes optam pelo aborto por acharem que este seria o melhor caminho para refugiarem da exclusão. Sobre isto, Pelloso et al. (2002) afirma que gravidez na adolescência tem sido considerada uma situação de risco e um elemento desestruturante da vida de adolescentes e funciona como elemento determinante na produção do ciclo de pobreza das populações, ao colocar impedimentos na continuidade de estudos e no acesso ao mercado de trabalho, sobretudo entre adolescentes.

Todavia, as adolescentes que engravidam mais cedo são obrigadas a abreviar uma etapa de sua vida para assumir o papel de uma pessoa adulta. Deixam de ser filhas para serem mães, tem sua

² Praticante é a adolescente que já fez o aborto.

função social trocada, e o prazo de proximidade nove meses para assimilarem e incorporarem esse novo papel.

4.4. Estigma na prática do aborto

Neste trabalho, defendemos a tese segundo a qual as adolescentes recorrem ao aborto inseguro como forma de se refugiarem do estigma que elas sofrem por parte das amigas. De salientar que este capítulo é crucial para os objectivos traçados na pesquisa. Apresentamos nesta secção alguns depoimentos que analisam o estigma como um fenómeno associado a prática do aborto por parte das adolescentes envolvidas no acto. Categorizamos duas variáveis construídas a partir das concepções das adolescentes entrevistadas.

Ser marcado como desviante tem importantes e profundas consequências para a participação social e a auto-imagem do indivíduo. A mais importante é uma mudança drástica em sua identidade pública; cometer o ato impróprio e ser apanhado lhe confere um novo status. É rotulado, por exemplo, de mal educada (por engravidar cedo) e, via de consequência, tratado como tal. Uma vez descobertas e estigmatizadas pelos actos impróprios, as adolescentes pautam pelo aborto, pelo que é por meio desta concepção que o estudo encontra a sua relevância.

Dessa forma, o comportamento desviante é, muitas vezes, uma consequência da reação pública ao desvio, e não um efeito das qualidades inerentes ao ato desviante. A questão é que o tratamento dado aos desviantes lhes nega os meios comuns de levar adiante as rotinas da vida cotidiana acessíveis à maioria das pessoas e, em razão dessa negação, o desviante é levado a desenvolver rotinas ilegítimas para sobreviver, gerando um ciclo progressivo de desvio.

No entanto, evidentemente nem sempre aquele que comete um ato desviante e recebe o respectivo rótulo é vítima da inevitabilidade da carreira desviante; é possível que, no momento em que a regra lhe é imposta pela primeira vez, ainda tenha a possibilidade de seguir por caminhos diversos que não o dão transgressão, dependendo da força do estigma que recebeu.

A primeira categoria de análise diz respeito ao facto das adolescentes praticarem o aborto por medo do estigma por parte das amigas, sendo que a segunda categoria de análise compreende o

aborto como produto do estigma da própria sociedade. Assim sendo, passamos para a primeira categoria:

4.4.1. Prática do aborto como um meio de escapar da exclusão

Nesta secção constroem-se argumentos sobre alguns depoimentos que levam em conta a prática do aborto como exclusão por parte das amigas.

“Bem, já estive grávida uma vez mas resolvi abortar por causa das minhas amigas. Elas foram muito sinceras comigo, disseram que tinha que tirar para não pôr em causa a nossa amizade. Não tinha mais opção tive que optar por esta via.” (entrevistada5, 16 anos praticante, nível básico).

“Minhas amigas me incentivaram a tirar, e me enconstaram na parede ao me fazerem escolher entre abortar e manter a nossa amizade ou deixar o filho crescer mas não continuar a brincar com elas. Sabes, acho que foi uma boa opção não ter deixado, porque o filho ia me causar muitos problemas. No princípio achava que as minhas amigas não gostavam de mim de verdade, mas no fim concordo que elas sempre queriam o meu bem.” (entrevistada8, 17 anos praticante, nível médio).

Os depoimentos acima nos levam a crer que a sociedade está organizada de tal forma que há hábitos socialmente aceites, e outros não, no caso concreto o aborto é um acto estigmatizado. Sobre este facto, na sua teoria de rotulação, Becker (2008) já tinha alertado ao afirmar que o desvio é entendido quando descobrimos por que alguns indivíduos recebem o rótulo de “desviantes” e outros não. No caso das adolescentes que praticam aborto, são considerados desviantes e marginais, por aqueles que acham que podem impor aos outros suas definições do que é socialmente aceite.

Segundo a teoria da rotulação o carácter desviante ou não de um acto depende da maneira que os outros reagem a este, ou seja, o desvio é resultado das iniciativas do outro, visto que ele encandeia um processo de intervenções colocadas em prática para seleccionar, identificar e tipificar os indivíduos. As adolescentes entrevistadas ao aceitarem as suas práticas e procurarem

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

formas de se redimirem, estariam numa situação de desviante, afinal, a sua reacção é de conformismo.

A grandeza ou fraqueza de uma rede, é uma variável que depende da intensidade das emoções e intimidades, bem como reciprocidades que se estabelecem integrantes da mesma rede. Em função disso, quanto mais sólidos forem os laços entre os integrantes de uma rede, maior é a possibilidade deste fechar-se a si mesma a ponto de não estabelecer relações com outras redes.

Os depoimentos acima, legitimam o pensamento Goffman, citado por Elias e Scotson (2000), ao afirmarem que a conduta dos seres considerados normais perante o indivíduo estigmatizado é discriminatória e excludente, utilizando-se, ainda, de termos pejorativos para referenciá-lo. Assim, visando a adequar-se ao padrão de normalidade social, o estigmatizado pode esforçar-se para ser aceito pelo grupo; em outros casos, em contrapartida, pode ele assumir uma postura de fuga da realidade, que é a ele tão desfavorável, ou comportar-se de modo combativo.

Um acto não é desviante em si, nem seu autor um desviante por traços de sua personalidade ou influência de seu ambiente. O desvio se revela como um status atribuído a determinados indivíduos mediante um duplo processo: a definição do desvio, que atribui à conduta, o carácter desviante; e a seleção que etiqueta e estigmatiza um autor como desviante, entre todos aqueles que praticam tais condutas. As praticantes de aborto são também desviantes pela sua conduta e pelo carácter desviante.

Assim, como ápice de todo esse processo, a reacção social adversa gerada pelo estigma pode transformar a concepção que o indivíduo tem de si próprio. Não raro ele se torna autodepreciativo e desenvolve um auto-ódio. Em outros termos, a situação especial do estigmatizado é que a sociedade lhe diz que ele é um membro do grupo mais amplo, o que significa que é um ser humano normal, mas também que ele é, até certo ponto, “diferente”, e que seria absurdo negar essa diferença. A diferença, em si, deriva da sociedade, porque, em geral, antes que uma diferença seja importante ela deve ser coletivamente conceptualizada pela sociedade como um todo.

Constata-se que a prática do aborto é produto do estigma social. Como dissemos anteriormente, o que se pretende aqui são alguns depoimentos inerentes a prática do aborto como produto da

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

própria sociedade na qual as adolescentes se encontram inseridas, como defendem os depoimentos abaixo:

“As pessoas falam muito e eu não queria passar pela boca do povo. Na verdade o que me levou a abortar é a forma como os outros iriam olhar em mim. A nossa sociedade isola as pessoas que engravidam na adolescência, as pessoas pensam que nós são mal educadas e irresponsáveis. Para não passar por isto resolvi abortar.” (entrevistada9, praticante de 16 anos, nível primário).

“Eu acho que muitas adolescentes optam pelo aborto pelo medo de serem excluídas na sociedade. Sabemos como a nossa sociedade é, temos que reconhecer que sempre olhamos mal nas pessoas que engravidam cedo.” (Entrevistada10, testemunha de 17 anos, nível médio).

Becker (2008), afirma que o desvio é entendido quando descobrimos por que alguns indivíduos recebem o rótulo de “desviantes” e outros não. Na sociedade, os padrões adotados são estipulados geralmente por representantes que possuem força e influência para impor aos outros suas definições de moralidade; são essas pessoas responsáveis pela maioria dos rótulos, e estes evidenciam a estrutura de poder vigente numa sociedade.

No caso concreto, as adolescentes que abortam são tidas como desviantes e marginais, sendo que as que rotulam as outras, ou seja, as que nunca praticaram o aborto são as normais e estabelecidas e são as responsáveis pela imputação de marcas e rótulos aos outros. Engravidar na adolescência seria na perspectiva de Becker um desvio. O desvio se revela como um status atribuído a determinados indivíduos mediante um duplo processo: a definição do desvio, que atribui à conduta, o caráter desviante; e a seleção que etiqueta e estigmatiza um autor como desviante, entre todos aqueles que praticam tais condutas.

A prática do aborto, para além de ser vista como uma exclusão por parte das amigas, é também produto da estigma social. Becker (2008), defende que o grau em que um acto será tratado como desviante depende de quem o comete e de quem se sente prejudicado por ele. As regras tendem a ser aplicadas mais a algumas pessoas do que a outras. Por exemplo, meninos de áreas de classe média, quando são detidos, não chegam tão longe no processo legal como os meninos que moram na favela. Ou seja, as adolescentes que engravidam sendo pobres, são mais propensas a

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

situações de estigma comparativamente as que engravidam com condições de sustentarem os seus filhos.

Ademais, Becker afirma que todos os grupos sociais elaboram regras que determinam situações e tipos de comportamentos a eles apropriados, definindo alguns como “certos” e outros como “errados”, e tentam, em determinadas circunstâncias, impô-las aos indivíduos do grupo. Dessa forma, “quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como um outsider” (BECKER, 2008).

No entanto, pode ser que a pessoa que infringiu a regra (no caso concreto, a adolescente que pratica o aborto) tenha uma opinião diferente sobre a questão e não aceite a regra pela qual está sendo julgada; pode não encarar aqueles que a julgam competentes ou legitimamente autorizados a fazê-lo. Assim, aquele que infringe a regra pode pensar que seus juízes são outsiders, dando um novo sentido ao termo.

Concordando, Goffman (2013), afirma que o normal e o estigmatizado não são pessoas, e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro. Portanto, o estigma não é ruim em si, mas serve para diferenciar negativamente um ou vários sujeitos de determinado grupo comparado. Em outras palavras, serve para reforçar a normalidade deste. Conclui-se esta secção com a ideia de que a exclusão por parte dos amigos, bem como o estigma que a sociedade manifesta são alguns dos indicadores que influenciam ao estigma.

Alguém que pratica o aborto para ser considerado desviante deve-se olhar para o tipo de regras que os regem. Afinal, o grau em que alguém é considerado outsider, em qualquer dos dois sentidos, varia conforme a gravidade da transgressão e, por conseguinte, a força da regra imposta. Desse ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do acto que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um “infrator”. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal. (BECKER, 2008).

4.5. Razões para a prática do aborto

No subcapítulo anterior discutimos as categorias sociais do aborto, construídas pelos entrevistados. Tomando em conta o conceito de motivação, podemos entender que há vários factores (intrínsecos e extrínsecos) que motivam os atores sociais a optarem pelo aborto. Por motivos intrínsecos referimo-nos a aqueles que acompanham o Ego, ou seja, são factores internos e subjectivos, enquanto os extrínsecos são aqueles que não dependem da nossa vontade, aqueles que por muitas vezes são por imposição. Dividimos a nossa discussão em duas secções, das quais a primeira retrata da influência de amigas, a segunda e a última retrata o aborto como um fenómeno motivado por medo da reacção dos pais.

4.5.1. Influência das amigas

Nesta secção, pretende-se analisar e interpretar alguns depoimentos inerentes a última categoria construída a partir das motivações que influenciam ao aborto. Notamos que a influência das amigas ou grupos pares contribuiu para as adolescentes abortarem. Esta influência é produto das redes de relações sociais que as adolescentes têm criado no seu quotidiano.

Ademais, Silva (2014), já tinha alertado a respeito disso, ao afirmar que a motivação é determinada por factores pessoais e situacionais, quer a nível consciente, quer a nível inconsciente, estando dependentes das necessidades fisiológicas, psicológicas e sociais de cada sujeito, bem como das suas experiências passadas ou recentes. Neste caso, são factores de carácter sociais (amigas) que motivam as entrevistadas a praticarem o aborto, como podemos prestar atenção no seguinte depoimento:

“Bem, já estive grávida uma vez mas resolvi abortar por causa das minhas amigas. Elas foram muito sinceras comigo, disseram que tinha que tinha que tirar para não pôr em causa a nossa amizade. Não tinha mais opção tive que optar por esta via.” (entrevistada5, 16 anos praticante, nível básico).

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

“Quando fiquei grávida procurei a minha amiga para lhe contar. Ao pedir opinião, ela disse que tinha que desfazer porque ainda sou criança e não estaria preparada para ser mãe. Acabei concordando com ela e abortei.” (entrevistada4, 17 anos praticante, nível básico).

“Se não fosse pelas minhas amigas não teria abortado, mas mesmo assim não me arrependo.” (entrevistada3, 16 anos, praticante, nível primário).

As redes de relações sociais nas quais as adolescentes fazem parte, são responsáveis pela construção da realidade que nos propomos aqui analisar. As ligações de amizade, parentesco, vizinhança e relações de trabalho, são elementos das redes de relações sociais que nos levam a compreender a prática do aborto inseguro. Portanto, essas relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos, estabelecem relações de proximidade e de conhecimento mútuo.

Acreditamos que no processo de socialização, as adolescentes foram interiorizando certas normas e valores que lhes impõem o que fazer e o que não. Neste caso, em situação de gravidez levam em conta as normas socialmente estabelecidas e com medo de serem rotuladas como desviantes acabam optando pelo aborto.

4.5.2. Os pais influenciam nas decisões dos filhos

Para além da influência das amigas na prática do aborto, constatou-se que o medo que as adolescentes têm em relação a reacção dos pais, motivam-nas a optarem por esta prática. Para elas, os pais (encarregados de educação) acabam decidindo por elas.

“Quando soube que estava grávida, não exitei nem um pouco. Tive que abortar porque não queria imaginar a reacção dos meus pais. Eles são muito exigentes e têm uma esperança sobre o meu futuro.” (entrevistada6, 17 anos praticante, nível primário).

“O meu pai me matava na hora, ela sempre me disse que a escola tinha que estar em primeiro lugar e namoro depois de ter emprego. Nem quero imaginar a reacção do meu pai sabendo que estava grávida, por isso que abortei.” (entrevistada7, 16 anos praticante, nível primário).

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

Os pais têm um papel importantíssimo na conduta dos seus filhos. Muitas vezes, a decisão do aborto, é deles, particularmente da mãe ou da autonomia das praticantes que culmina em significados diferentes atribuídos a esta acção. Portanto, o aborto por vezes é uma decisão da mãe não da própria adolescente. As mulheres que abortaram por decisão ou imposição da mãe têm desejo de ter outro filho.

Diferentemente das mulheres que optaram por esta acção por vontade própria que não desejam voltar a ter esta explicação. Contudo, avança o autor, para ambos os casos, as adolescentes vivenciaram com desespero a descoberta da gravidez, visto que não haviam desejado nem planejado.

Assim, os pais são considerados como indivíduos que influenciam de forma determinante no comportamento sexual das adolescentes pelo facto de transmitirem-lhes costumes, modo de vida e a hierarquia de valores sobre a sua sexualidade. E quando essas adolescentes vivenciam a gravidez, os pais são tidos também como principais responsáveis tendo em conta que, são eles que socializam os filhos sobre a vivência da sua sexualidade de forma restrita.

5. Considerações Finais

O presente trabalho procurou compreender a prática do aborto por parte das adolescentes, ou seja, constituiu principal preocupação, compreender o que sustenta a prática do aborto inseguro por parte das adolescentes, partindo do pressuposto de que o comportamento sexual dos adolescentes está ligado aos valores e regras que a família transmite aos mesmos e que o aborto inseguro por sua vez é consequência da influência das redes de relações que as adolescentes criam entre elas como forma de se ampararem na ausência dos seus familiares ou progenitores.

Por sua vez, este pressuposto permitiu-nos avançar com a hipótese de que o estigma social sustenta a prática do aborto inseguro e motiva as adolescentes a optarem por esta prática. Os dados colhidos permitiram validar esta hipótese. Os dados referentes ao perfil sócio-demográfico mostram alguma disparidade entre as adolescentes envolvidas no aborto, tendo em conta as variáveis relacionadas com o nível de escolaridade e ocupação profissional, mas o que une as mesmas é o facto de estarem envolvidas na prática do aborto (inseguro).

Diferentemente do que muitos dos estudos concluíram, que referem a baixa escolaridade, a imaturidade psicológica, bem como a iniciação da vida sexual precocemente, integradas à falta de conhecimento sobre a saúde reprodutiva e contraceção como as causas que levam a uma maior incidência de gravidez na adolescência, os dados do presente estudo revelam que as algumas adolescentes por nós entrevistadas, mesmo frequentando a escola engravidam, e consequentemente, submetem-se ao aborto.

Os dados colhidos no campo, mostram que a influência das amigas ou grupos de pares contribuiu para as adolescentes abortarem. Esta influência é produto das redes de relações sociais que as adolescentes têm criado no seu quotidiano. Os depoimentos, concordam que as condições em que as adolescentes se encontram motivam-nas a optarem pelo aborto, sobretudo o aborto inseguro.

A prática do aborto, para além de ser vista como uma exclusão por parte dos grupos de pares, é também produto de estigma social. Constatou-se que uma gravidez na adolescência, viola as normas e regras legalmente estabelecidas (normas como, gravidez só depois de 18 anos ou ter

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

concluído os estudos). As adolescentes nestas condições (gravidez), sofrem rótulos, esteriótipos ou estigma por parte da sociedade.

Estes rótulos fazem com que as adolescentes sejam excluídas socialmente, deste modo, o medo de serem rotuladas como desviantes, “mal educadas” e “irresponsáveis” faz com que as adolescentes no estado de gravidez, optem por outros mecanismos ilegais como forma de se desfazerem da mesma.

Os dados revelam também que as adolescentes têm algum entendimento sobre o que seja aborto, sendo que as mesmas construíram o aborto como uma prática que a que muitas das adolescentes têm se socorrido. As adolescentes que praticam o aborto são também submetidas a um tipo de socialização que visa legitimar o que é socialmente aceite ou não dentro da sociedade, pelo que construíram uma imagem a respeito do aborto que lhes permite entender este ritual como uma prática social. Sendo assim, questionados sobre o acto, não encontraram outra explicação, senão uma prática social. Assim sendo, o aborto é tido como uma prática social e refúgio à exclusão social respectivamente.

Constatou-se também que a influência das amigas ou grupos pares contribuiu para as adolescentes abortarem. Esta influência é produto das redes de relações sociais que as adolescentes têm criado no seu quotidiano. Por outro lado, o facto dos pais decidirem pelos filhos obriga as adolescentes a abortarem. Afinal, os pais têm um papel importantíssimo na conduta dos seus filhos. Muitas vezes, a decisão do aborto, é deles, particularmente da mãe ou da autonomia das praticantes que culmina em significados diferentes atribuídos a esta acção.

A prática do aborto é produto do estigma social. Todos os grupos sociais elaboram regras que determinam situações e tipos de comportamentos a eles apropriados, definindo alguns como certos e outros como errados, e tentam, em determinadas circunstâncias, impô-las aos indivíduos do grupo. Assim sendo, concluímos neste trabalho que o estigma social sustenta a prática do aborto inseguro e motiva as adolescentes a optarem por esta prática.

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

Referências Bibliográficas

- BECKER, D. O que é adolescência. São Paulo: Brasiliense, 10^a ed. 1993
- CARVALHO, S. Mendes. Mulheres Jovens E O Processo Do Aborto Clandestino: uma abordagem sociológica, 2009.
- COSTA, M. V. Problemas enfrentados por adolescentes frente à gravidez. Monografia (Especialização). Curso de enfermagem. Universidade Estadual vale do Aracajú sobral- CE. 1998
- DOMINGOS, S. R. da Fonseca. O Significado da ação de provocar o aborto na adolescência: uma análise da fenomenologia social sob a perspectiva de mulheres. São Paulo, 2011.
- DWORKIN, Ronald - Domínio da vida. Aborto, eutanásia e liberdades individuais. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GANDRA MARTINS, Ives - A questão do aborto - aspecto jurídicos fundamentais. São Paulo: Quartier Latin, 2008.
- GIL, António Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa, São Paulo: Atlas, 6^a Ed., 2008.
- INE; MISAU. Moçambique, Inquérito Demográfico e Saúde de 1997 e 2003. Maputo. 2005
- MARQUINI, M. L. Actividade de sexualidade na escola para o aperfeiçoamento da cidadania dos adolescentes dos alunos: Limites e possibilidades. Brasília.2008
- MATSINHE, Almeida. *Gravidez Precoce na Cidade de Maputo: Um Estudo de percepções sociais da Gravidez na adolescência no Hospital Geral de Mavalane*, 2012.
- MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2000.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde. 2^a edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.
- Ministério da saúde 2009. Aborto e saúde pública no Brasil: 20 anos. 1^a ed. Brasília, 2009.

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

MOREIRA, Herivelto e CALEFFE, Luís Gonzaga. Metodologia de Pesquisa para o Professor Pesquisador. Rio de Janeiro: DpeA Editora, 2006.

RATILAL, Ana Bela Grácia Marques. *A Sexualidade na adolescência* - Valores, atitudes e práticas dos adolescentes e jovens da cidade de Maputo, 1999.

SCHUTZ, Alfred. Fenomenologia e Relações Sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz. In: WAGNER, Helmut (org). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SILVA, L. P.M; SANTOS, L. C Gravidez na adolescência: Repercussões para sua saúde integral. Revista eletrónica da pesquisa (UNIPAM). Belo Horizonte. 2007.

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

Anexos

Cronograma das Actividades

Actividades	Período/Mês					
	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro
Revisão da Literatura						
Elaboração do projecto						
Revisão do Projecto e elaboração do guião de entrevista						
Ida ao Campo e Recolha dos Dados						
Ordenar e Organizar a informação						
Análise e Interpretação dos Dados						
Divulgação dos Resultados/Relatório Final						

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

Guião de Entrevista

Bom dia, chamo-me.....sou estudante da Universidade Eduardo Mondlane. Estou aqui como entrevistador, pretendo colher dados sobre o aborto na adolescência. Para tal, gostaria de fazer-lhe uma pergunta e conversar sobre este assunto mas que é livre de responder. Contudo, pedimos a colaboração.

I - Perfil sócio-demográfico

1. Idade
2. Naturalidade
3. Nacionalidade
4. Residência
5. Nível escolar
6. Estado civil
7. Religião

II – CONDIÇÕES SÓCIO-ECONÓMICAS

8. Com quem vives?
9. Trabalhas?
10. Onde é que trabalhas?

III – ESTIGMA NA PRÁTICA DO ABORTO

11. O que lhe levou a prática do aborto?
12. Onde é que fez o aborto
13. O que os seus amigos acham do aborto?

Insegurança no Aborto: Um estudo sobre a prática do aborto inseguro na adolescência, na Cidade de Maputo

14. Eles ainda continuam a brincar contigo mesmo após o aborto?

15. Acha que a amizade continua a ser a mesma de antes?

IV – TIPO DE RELAÇÕES QUE AS ADOLESCENTES ACCIONAM

16. No seu dia-a-dia, cria grupos de amizades?

17. Podes dar um exemplo desse grupo de amizade?

18. O que motiva a participação a esse tipo de grupo de amizade?